

Primeiras reações ao comunicado são divergentes

BRESSER PEREIRA, ex-Ministro da Fazenda — “O tempo abrangido pelo acordo é muito longo para o montante refinanciado pelos bancos. Além disso, a exigência de um saldo comercial de US\$ 11,6 bilhões obrigará a uma compressão do mercado interno. Acredito que um acordo bom para o Brasil tem de ser substancialmente melhor do que os obtidos pelo México e Argentina.”

MÁRIO AMATO, Presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) — “O impasse acabou. O problema da dívida externa era um dos pontos críticos no País. Agora, precisamos apenas de um tratamento semelhante ao dos outros países para capital estrangeiro e voltaremos a crescer e criar empregos.”

PAULO NOGUEIRA BA-

TISTA JUNIOR, Chefe do Centro de Estudos Monetários e de Economia Internacional da Fundação Getúlio Vargas — “O Brasil chegou ao entendimento de alguns pontos do acordo da dívida, mas as medidas acertadas têm fôlego curto, não resolvem nada. Significam que a próxima negociação com o Comitê dos Bancos Credores será convencional e limitada, já que esses recursos pagam os juros até meados de 1989.”

CARLOS LANGONI, ex-Presidente do Banco Central — “É um resultado extremamente importante, porque vai permitir que o Brasil passe a contar com novos recursos externos para manter seu nível de investimentos. O acordo vai também criar um clima mais favorável para o entendimento com o FMI e a conversão da dívida.”